

# Economia e História: a importância das instituições do século XIX e XX na obra de Thorstein Veblen

Rafael Barbieri Camatta <sup>1</sup>  
Alexandre Ottoni Teatini Salles <sup>2</sup>

## Resumo

*O economista e sociólogo americano Thorstein B. Veblen (1857-1929) é considerado o precursor da Escola Institucionalista Original. Segundo o autor não há isenção ou neutralidade do cientista com o seu objeto de estudo, portanto, toda teoria deve ser estudada tendo-se em vista a conjuntura histórica sobre a qual foi formulada. Suas principais contribuições à ciência econômica surgiram no intervalo entre 1875 e 1915. Assim, o artigo tem por objetivo discutir o impacto deste contexto histórico econômico, político e social em sua obra. Para tanto, ao longo do texto são apresentados alguns dos fenômenos que definiram este período (a revolução tecnológica, a crise de deflação, as críticas ao Padrão Ouro, o protecionismo, a concentração e racionalização da produção e aspectos ligados à demografia, mão-de-obra e consumo) assim como a influência deste sobre Veblen, e em quais obras estão refletidas tais influências.*

**Palavras-chave:** Thorstein Veblen; Instituições; Velha economia institucional.

## Abstract

*American economist and sociologist Thorstein B. Veblen (1857-1929) is considered the precursor of Original Institutional School. According to the author, there is no exemption or neutrality between the scientist and his object, therefore, any theory should be studied keeping in view the historical context upon which it was formulated. His main contributions to economics arose in the range between 1875 and 1915. Then, the article aims to discuss the impact of economic, political, social and historical context in his work. To this end, throughout the essay, we present some phenomena that defined the period (technological revolution, deflation crisis, the criticism of the Gold Standard, protectionism, concentration and rationalization of production and aspects relating to demographics, labor and consumption) as well as the influence of this on Veblen, and in which books and papers such influences are reflected.*

**Keywords:** Thorstein Veblen; Institutions; Old institutional economics.

---

(1) Graduado em 2010 pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em 2014 pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [rbcamatta@gmail.com](mailto:rbcamatta@gmail.com).

(2) Graduado em 1990 pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em 1997 pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em 2007 pela University of Hertfordshire. E-mail: [aotsalles@gmail.com](mailto:aotsalles@gmail.com).

## Introdução

O economista e sociólogo americano Thorstein B. Veblen (1857-1929) é considerado o precursor da Escola Institucionalista Original, cuja obra seminal foi publicada em 1899 sob o título *A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições* (doravante TCO). Nesta obra pioneira, ele buscou compreender e analisar características do comportamento humano até então não incorporadas à análise econômica convencional tais como: hábitos, instintos, instituições, costumes, códigos de conduta, valores ligados a comportamentos idiossincráticos e rivalidades sociais<sup>3</sup>. Em várias partes de sua obra, Veblen define instituições como hábitos de pensamento disseminados e arraigados na cultura de uma comunidade, que definem seu estilo de vida e que evoluem historicamente<sup>4</sup>. Segundo Hodgson (1998), a abordagem institucionalista Vebleniana não pretendeu desenvolver uma teoria geral das instituições, mas sim um conjunto de diretrizes de como elas evoluem em função de circunstâncias históricas específicas.

O contexto histórico no qual Veblen estava inserido foi determinante para a elaboração de suas ideias. Suas principais obras surgiram no intervalo entre 1875 e 1915<sup>5</sup>, período classificado por Hobsbawm (1989) como *The Age of Empire*. Assim, o artigo tem por objetivo discutir o impacto do contexto histórico, econômico, político e social do final de século XIX e início do século XX na obra do autor. Neste sentido, vale a pena ressaltar que, segundo Veblen (1919) não há isenção ou neutralidade do cientista com o seu objeto de estudo. Portanto, toda teoria deve ser estudada tendo-se em vista a conjuntura histórica sobre a qual

---

(3) Vale salientar que a abordagem Vebleniana não é a única corrente institucionalista. Samuels (1995) subdivide os institucionalistas em três Escolas distintas, quais sejam: o Velho Institucionalismo (ou Institucionalismo Original), a Nova Economia Institucional, e os Neo-institucionalistas. Tratando especificamente do trabalho desenvolvido por Veblen e por outros autores renomados desta tradição como John Commons e Wesley Mitchell, Silva (2012) classifica esta abordagem como *Institucionalismo Clássico*. Para maiores detalhes sobre estes aspectos taxonômicos, veja também Mayhew (1987); Rutherford (1995; 2001); Hodgson (1998); Dequech (2002) e Conceição (2002).

(4) Em suas palavras, instituições são definidas como “*habitual methods of procedure*” (Veblen 1898a, p. 391); “*prevalent habits of thought*” (Veblen, 1899, p. 125 e 1919, p. 314); e “*habitual methods of carrying on the life process of the community in contact with the material environment in which it lives*” (Veblen, 1899, p. 127); “*settled habits of thought common to the generality of men*” (Veblen, 1909, p. 626).

(5) *Theory of the Leisure Class: An Economic Study of Institutions* (1899); *Theory of Business Enterprise* (1904); *The Instincts of Workmanship and the State of the Industrial Arts* (1914); e *Imperial Germany and the Industrial Revolution* (1915).

foi formulada. Ao longo do texto, será discutido como os fenômenos históricos foram importantes para o desenvolvimento intelectual do autor, e em quais obras estas influências estão refletidas. Este estudo mostra que a produção científica de Veblen se manteve muito coerente com sua percepção de que os fenômenos do mundo real resultam de um processo evolutivo das instituições.

A conjuntura histórica à época de Veblen já demonstrava elevado grau de integração comercial e financeira mundial, o que torna necessário uma análise das instituições em nível internacional, não apenas dos EUA como faz Cavalieri (2009). O próprio Veblen tinha uma visão mais ampla da evolução das instituições, não se restringindo ao estudo das instituições estadunidenses, como mostra o livro *Imperial Germany and the Industrial Revolution* publicado em 1915. Por isso, a proposta deste artigo em examinar a história do período a partir de vários autores (não necessariamente institucionalistas), de tal maneira que se consiga apreender as idiosincrasias históricas em nível global, aí sim, focadas em suas raízes institucionais. Martins (1975, p. 58) mostra que no livro *The Engineers and the Price System* de 1921, Veblen desenvolve uma abordagem cosmopolita acerca do desempenho da indústria. Segundo ele: “(...) Veblen era internacionalista e tampouco admitia que uma posição consistentemente tecnocrática pudesse incluir os objetivos particularistas e irracionais inerentes ao ponto de vista nacional”.

A fim de cumprir os objetivos propostos, o artigo foi dividido em sete seções além desta introdução. A seguir discute-se brevemente a conjuntura histórica dos EUA ao final do século XIX com vistas a capturar aspectos essenciais da formação econômica e histórica deste país que foram objetos de investigação de Veblen. Da seção 2 à 6 discorre-se sobre temas que marcaram o período e como estes influenciaram a obra de Veblen. A seção 2 discute a revolução tecnológica do pós-segunda revolução industrial, em seguida apresenta-se a crise de deflação e suas consequências para o período estudado; nas seções 4, 5 e 6 examina-se a concentração e racionalização da produção, alguns aspectos ligados à demografia, mão-de-obra e ao consumismo, respectivamente. Por fim, breves considerações finais concluem o artigo.

## 1 O contexto histórico da economia dos EUA no final do século XIX

Logo no início desta seção é importante mencionar que, além da TCO, a publicação de dois artigos em 1898 lançou as bases teóricas e epistemológicas do programa de pesquisa que deu origem ao que Hamilton chamou em 1918 de Economia Institucional. Assim, pode-se dizer que esta foi a primeira Escola de Pensamento da Ciência Econômica que não surgiu em solo Europeu, pois seus pilares essenciais foram estabelecidos nos Estados Unidos. Assim, o artigo dedica-se de início a examinar as características históricas da economia deste país.

Mesmo passando por uma longa crise econômica (1873-1896) que culminou na depressão de 1894, foi no período entre a guerra civil americana e o final do século XIX que os EUA se tornaram uma potência mundial. Munhoz (2009) afirma que entre a fundação da república (1776) e o fim da guerra com o México (1848) a extensão territorial norte americana foi multiplicada por 11 vezes<sup>6</sup>. Além disso, enquanto a população mundial dobra ao longo o século XIX, nos EUA ela multiplica por seis.

Tanto a conquista do Oeste quanto a política imperialista dos Estados Unidos se baseavam na doutrina do “*destino manifesto*”, que preconizava ser o dever do povo americano levar a religião e o desenvolvimento capitalista aos povos menos “esclarecidos”. Além de expropriar territórios mexicanos, a expansão para o oeste foi marcada pela expulsão – mediante forte resistência – dos povos indígenas. As bases legais para esta ação foram definidas pelo *Indian Removal Act* de 1830, promulgado pelo então presidente Andrew Jackson. Outras conquistas importantes para a expansão territorial americana foram o Alaska (comprado da Rússia em 1867), e a anexação do Havaí, que envolveu o financiamento de rebeldes pelo governo dos EUA entre os anos de 1893-1898. Além disso, a promulgação do *Homestead Act* em 1862 teve um importante papel na atração de imigrantes Europeus, sedimentando assim a ocupação territorial do país (Lee, 1979).

Com o esgotamento da expansão fronteiriça por volta de 1890, a política norte americana se volta para a obtenção de novos mercados. Esta inflexão em muito se deve à crise de superprodução e deflação ocorrida neste período. As

---

(6) Os EUA anexam aproximadamente 40% do território mexicano.

autoridades políticas perceberam que o mercado interno era incapaz de absorver o montante do que era produzido internamente, e portanto, necessitavam de novos mercados consumidores. A partir de então, o imperialismo econômico dominou a política externa norte-americana. Prova disto é que muitas de suas intervenções na esfera da política econômica internacional, especialmente no que se refere à abertura dos mercados de outros países, se valeram de seu poderio militar. Exemplo disto foi o episódio relatado por Chang (2002) do *infamous 'Black Ship' incident*, quando em 1854 navios americanos aportaram em Edo impondo pela força militar a abertura dos mercados japoneses.

A expansão da frota naval do país em muito se deve à publicação do livro *The Influence of Sea Power Upon History*, de autoria do comandante do *U.S. War Naval College*, Alfred Mahan (1840-1914). Nesta obra, relata Munhoz (2009), ele expõe a importância do poder naval às potências ao longo da história assim como a necessidade de manter controle sobre pontos estratégicos ao longo do oceano Pacífico. A indústria naval que se consolida nos anos seguintes é a base para a indústria bélica que representa uma das formas diretas de dinamização da economia norte americana pelo Estado.

Em meados do século XIX havia uma divisão clara entre o norte industrializado e o sul agrário e escravista. O governo federal distribuía gratuitamente terras na região oeste de modo a povoar a “última fronteira” dentro do território americano. Estas porém se concentravam em poder de grandes pecuaristas e empresas do ramo ferroviário. Grande parte do ímpeto de crescimento demográfico nesta região deveu-se à corrida do ouro, mediante descobertas de reservas nos estados do Colorado e de Nevada na década de 1850. Em como em Montana e Wyoming no decênio seguinte, e em Dakota nos anos 1870. Os povoados fundados por mineiros se desenvolveram ao longo do tempo e se tornaram centros de grande densidade demográfica. Contudo, à medida que a atividade mineradora chegava à exaustão, era substituída pela agricultura e pecuária.

No Sul, após o fim da escravidão em 1863 implantou-se um sistema de partilhamento da terra. Neste, o agricultor deveria repassar uma parcela considerável da produção ao proprietário da terra e, por conta disto, muitos se prendiam a um ciclo de dívida. O sistema levou à superprodução de tabaco,

algodão e ao esgotamento de largas porções de solo sulista. Outras características que mostram a diferença de desenvolvimento entre sul e norte são a forte dependência econômica do primeiro em relação ao segundo, principalmente no que tange à modesta produção industrial, à mão de obra barata e não especializada, e o emprego de mão-de-obra infantil (U.S. Department of State, 2005b).

Diante da crise deflacionária agrária e aos altos custos do transporte ferroviário (discutido na seção seguinte), surge nos EUA uma instituição denominada *Patrons of Husbandry*, comumente conhecida como *The Grange* (A Granja). Esta buscava unir a classe agricultora através de sistemas de comercialização, lojas, fábricas e cooperativas próprias. Apesar de muitos dos objetivos não terem sido alcançados, algumas leis voltadas à redução das tarifas de transporte ferroviário e estoque foram aprovadas. Em meados da década de 1880 a *Grange* foi substituída por organizações denominadas *Farmer's Aliances*, que eram voltadas abertamente à representação política de seus membros (U.S. Department of State, 2005a).

Nos centros urbanos, o operariado se defrontava com baixos salários e condições de vida degradantes. Muitas fábricas empregavam mão-de-obra de mulheres e crianças (principalmente no Sul) pagando salários ainda menores. Nesta época, o intenso movimento imigratório incentivado pelo próprio governo norte-americano aumentava o número de trabalhadores internamente, principalmente de baixa qualificação, reduzindo ainda mais os salários. Segundo Munhoz (2009), somente na década de 1860 houve um aumento de 56% da massa de trabalhadores, e de 80% no número de unidades industriais, não obstante o grande êxodo demográfico rumo aos campos de batalha da guerra civil. Esses processos contribuíram para que, ao fim do século XIX, os EUA tivessem uma população majoritariamente urbana. Em 1874, aprovou-se a primeira lei trabalhista do país voltada para a redução da carga horária de mulheres e crianças para 10 horas diárias.

O grande número de demissões devido à crise deflacionária e a acumulação de estoques, assim como as péssimas condições de trabalho resultaram em inúmeras greves, protestos e agitações que muitas vezes geraram situações de vandalismo. Segundo Munhoz (2009), entre as décadas de 1880 e 1890, eclodiram aproximadamente 24 mil greves no país. Nestas condições, surgem organizações sindicais que buscavam a preservação da integridade trabalhista. Por exemplo, a

*American Federation of Labor* (AFL) tinha o objetivo de lutar pela elevação dos salários, redução da carga horária e pela melhoria das condições de trabalho (U.S. Department of State, 2005a).

Outro aspecto importante acerca do contexto histórico dos EUA no século XIX é que este país foi dos que mais utilizou de práticas protecionistas para a proteção de sua indústria nascente. Além do aumento constante e vertiginoso das tarifas de importação, outros instrumentos foram de suma importância em sua estratégia de *catching up*. Chang (2002) afirma que o governo patrocinou diversos centros de pesquisa agrícola (Instituto de Indústria Animal e o Instituto de Química Agrícola), aumentou os investimentos em educação pública e participou ativamente da modernização infraestrutural de transportes.

Nos EUA pós-guerra civil (1861-1865), ainda havia segregação da participação política sulista no congresso nacional à revelia da vontade do presidente Abraham Lincoln. O *Reconstruction Act*, de 1867, dividiu o Sul em cinco territórios militares (governados cada um por um general nortista), não obstante a presença de um governo estabelecido nestas áreas. Esta situação só foi contornada em 1872 com o *Amnesty Act* que restabeleceu a autonomia dos estados sulistas. Com a vitória nortista adveio o fim da escravidão (uma das suas principais bandeiras) promulgado através da 13ª emenda constitucional. Porém diversas práticas racistas de segregação foram adotadas principalmente em territórios sulistas. Nos 50 anos entre a guerra civil e a primeira guerra mundial, os EUA deixaram de ser uma economia rural para se transformar em uma das maiores potências industriais e política do início do século XX. Nesta época, tinha seu território densamente povoado, ensino público gratuito, imprensa livre, e liberdade de culto religioso.

Porém, a influência das grandes corporações através de *lobbys* gerou uma onda de corrupção em todas as esferas de governo. Nesta conjuntura, surge o movimento progressista com o objetivo de aumentar a justiça social, a transparência, a regulação das grandes corporações, e o serviço público de qualidade. Nesta época, houve um grande esforço do governo e da imprensa do país em denunciar e reformar a herança deixada pelo capitalismo do final de século XIX, principalmente no tangente às grandes corporações e à corrupção na esfera política (U.S. Department of State, 2005a, 2005b)

Foi neste caldo de cultura econômica, social e política do fim que nasce e se desenvolve intelectualmente o acadêmico Thorstein Veblen. Segundo Mayhew (1987), o contexto histórico e geográfico no qual ele cresceu influenciaram fortemente sua formação. Ele nasceu no estado de Wisconsin (meio oeste norte americano), em 1857, e cresceu neste ambiente de constantes e rápidas transformações sociais e tecnológicas advindas da guerra civil e da vigorosa industrialização do país. Como pode-se concluir da análise acima, Veblen testemunhou a transformação norte americana de um país majoritariamente agrário e rural em uma potência industrial e urbana. No início do século XX, este processo culmina no fim da estrutura de mercado predominantemente composta por firmas grandes, produtoras de uma mercadoria única, cujo proprietário pode ser ilustrado pela figura caricatural do “*robber baron*”. Esta se transforma numa estrutura corporativista na qual as grandes empresas passam a produzir mercadorias diferenciadas, a se multiplicar em número de filiais, e a se financiar através de um sistema bancário moderno (HOBSON, 1983). Concomitantemente, a propriedade destas firmas passa para os acionistas desligados da função gerencial. Como é sabido, estas transformações às quais Veblen testemunhou não se restringiram aos EUA e serão tratadas ao longo do artigo.

A “sociedade de fronteira” é apontada como um dos fatores determinantes para a aceitação e propagação da teoria econômica Institucionalista nos EUA e consequente resistência à economia clássica, disseminada na Europa<sup>7</sup>. Nas áreas de fronteira e de baixa densidade demográfica as restrições institucionais e as tradições tornam-se enfraquecidas, pois faltam mecanismos para reforçar sua vigência. Foi justamente neste ambiente que surge teoria econômica Institucionalista.

Cavalieri (2009) resgata da historiografia norte americana uma periodização dividida em duas fases. A primeira, denominada *Gilded Age*, compõe o período do pós-guerra civil até a década de 1890, a partir da qual inicia-se a fase batizada de Era Progressiva. A *Gilded Age* compõe um período de consolidação do sistema econômico industrial moderno em detrimento de uma economia primário exportadora escravista, característica principal do sul

---

(7) Como exemplo, pode-se citar a incompatibilidade das teorias clássicas de renda da terra (David Ricardo) e de crescimento populacional (Thomas Malthus) com o ambiente institucional do oeste norte americano, pautado por grande disponibilidade da terra e baixa densidade demográfica.

derrotado na guerra civil. A reconstrução do pós-guerra, o enriquecimento das classes altas, o surgimento das grandes corporações e a corrupção compõem características de destaque no período.

Por sua vez, a Era Progressiva foi marcada por uma sociedade majoritariamente urbana. Nesta, houve uma tentativa de recuperação dos ideais dos *Founding Fathers*, ou seja, a reversão de um novo capitalismo oligopolista e corrupto para um sistema liberal no qual houvesse oportunidades de crescimento para todos os americanos. Esta tendência crítica se concentrava nas classes médias do país, principalmente entre médicos, advogados e intelectuais das mais diversas áreas (sociologia, história, economia, entre outras). Este segmento social encontrava-se insatisfeito com a desigualdade econômica trazida pela atuação das grandes corporações, em especial sobre a infiltração destas na política do país, em todas as suas esferas de atuação. Esta classe (surgida durante a *Gilded Age*) representa o foco da análise da sobre os hábitos de consumo da classe alta norte americana, elaborada na TCO de Veblen. O autor também estudou o comportamento de outro agente deste período, qual seja, o proprietário absenteísta, que traduz o padrão de conduta dos acionários das grandes firmas à época.

Intelectualmente, as ideias reformistas desta parcela insatisfeita tinha o contraponto no ideário conservador dos apologistas. Estes, segundo Cavaliere (2009, p. 81):

Eram os propagandistas das virtudes do grande capital, da gratidão que os norte-americanos deviam a empresários como Vanderbilt, Rockefeller e Carnegie. Eram os porta-vozes de uma classe que na afluência da sociedade americana se tornariam os proprietários absenteístas, alvos prediletos das mordazes críticas de Veblen.

Em suma, esta seção procurou captar aspectos essenciais da formação econômica e política dos EUA. As seções seguintes se encarregam de discutir pontos específicos da conjuntura histórico institucional da obra de Veblen.

## **2 A segunda revolução industrial e a análise de Veblen sobre a indústria em seu *Theory of Business Enterprise***

A significativa diferenciação entre o patamar de renda per capita de países que ingressaram originalmente na produção maquinofatureira e as nações

retardatárias acirra-se em princípios do século XIX. Segundo Hobsbawn (1989), entre 1750 e 1800, a renda per capita era semelhante entre estes grupos de países, porém a partir de então há um aumento progressivo desta diferença. Em 1880, os países industrializados alcançaram o dobro da renda per capita das nações atrasadas. Este movimento se intensifica no século seguinte. Por exemplo, em 1913 no primeiro grupo, esta renda era três vezes superior à do segundo, enquanto que em 1950 esta diferença sobe para cinco vezes; em 1970, alcança sete vezes. Esse afastamento se deve majoritariamente à presença maciça de investimentos em tecnologia nos primeiros.

Como se sabe, a primeira revolução industrial emerge a partir de inovações majoritariamente oriundas do próprio “chão de fábrica”, ou seja, o empresário e seus empregados desenvolviam novas técnicas a partir do que ficou conhecido na literatura como *learning by doing*. Todavia, a segunda revolução industrial possui caráter muito mais técnico/científico, uma vez que grande parte das inovações surgiu a partir de pesquisa acadêmica sediada nas Universidades e em laboratórios de pesquisa. Parte significativa destas inovações ocorre através da descoberta e do estudo de novos materiais e de novas técnicas de gerenciamento. Esta diferença é primordial no entendimento do distanciamento entre as nações. Enquanto as inovações da primeira revolução industrial consistiam em maquinário simples facilmente transferido (legal ou ilegalmente) e/ou copiado, este fato não se repete na segunda devido à maior complexidade das técnicas e do maquinário industrial.

Além de criar uma grande distância com relação à renda per capita entre os dois mundos, o desenvolvimento da tecnologia determinou também uma superioridade militar e conseqüentemente, política. A segunda revolução industrial atingiu com grande intensidade o setor bélico e trouxe consigo algumas inovações radicais, principalmente em relação a explosivos, armas de repetição e transporte a vapor (Hobsbawn, 1989). Até então, os principais conflitos sempre foram disputados sob relativa igualdade de tecnologia bélica, porém a utilização destas inovações estabeleceu distinções importantes que estratificou o poderio militar em favor das potências europeias.

A partir de então, o mundo se divide em dois: países industrializados e países não-industrializados. Os primeiros possuíam relações políticas entre si e com os não-industrializados, enquanto os últimos se relacionavam majoritariamente

com os primeiros. Os países desenvolvidos estavam concentrados no centro e no noroeste europeu, assim como algumas de suas colônias (com destaque para os EUA). Outras partes da Europa, tão importantes no impulso inicial mercantilista (penínsulas Itálica e Ibérica), haviam arrefecido quanto a sua capacidade de crescimento econômico. Assim, em 1880, os EUA já despontava como um potencial líder mundial, porém à época a Europa ainda representava o centro demográfico e comercial do mundo e ainda possuía uma produção industrial duas vezes maior que a americana. Além disso, surgiram no velho continente algumas das inovações industriais paradigmáticas para o século seguinte como veículos motorizados e o cinema (Hobsbawn, 1989).

A diferenciação entre os dois mundos nota-se principalmente devido à presença das inovações bélicas e industriais supracitadas. Outras características como a alta densidade populacional, a produção industrial e o percentual maior de força de trabalho alocada na indústria<sup>8</sup> não serem características restritas ao mundo desenvolvido. Quanto à esta diferenciação, Hobsbawn (1989, p.20) sugere que:

*Compared with this difference, the differences between stone-age societies such as those of the Melanesian islands and the sophisticated and urbanized societies of China, India and the Islamic world, seemed insignificant. What did it matter that their arts were admirable, that the monuments of their ancient cultures were wonderful, and that their mainly religious philosophies impressed some western scholars and poets at least as much as, indeed probably more than, Christianity?*

Em consonância com esta característica histórica de heterogeneidade do desenvolvimento econômico e social das nações, Veblen (1904, 1921) discute a evolução da indústria de modo a demonstrar a diferença entre os interesses em duas fases diferenciadas. Na primeira fase, as fábricas são controladas pelos “capitães da indústria”, figura que reunia características de gerente, inventor e proprietário. Segundo Martins (1975), essa figura polivalente do proprietário-gerente-inventor observa-se nos primórdios da Revolução Industrial principalmente entre os ingleses. Na segunda fase, as indústrias são propriedades do *Absentee Owner*, ou seja, há um distanciamento entre o dono muitas vezes ligado ao “banqueiro

---

(8) Com exceção de Bélgica, Bretanha, França, Alemanha, Suíça e Holanda todas as demais nações possuíam maior percentual da força de trabalho alocado na agricultura.

investidor”, os técnicos e engenheiros que trabalham diretamente na parte “mecânica” da indústria, e as tarefas de gerência.

Veblen afirma que surge nesta fase divergência de interesses entre a figura do proprietário e do gerente. Estas podem ser associadas às duas fases da revolução industrial até o final do século XIX, tal como apresentadas pela historiografia tradicional. Veblen (1921) atribui à tecnologia (*industrial arts*) um papel central para o entendimento do funcionamento do sistema econômico. Este propõe que a ciência econômica deveria considerar além dos fatores de produção tradicionais (terra, trabalho e capital) também a tecnologia (*industrial arts*) e o papel do empreendedor, pois estes tem grande importância no processo de multiplicação da riqueza.

Além da ampliação da diferença de renda entre países, há um aumento da desigualdade social entre classes intrapaíses. Esta acirra a capacidade de demonstração de riqueza das classes superiores e incentiva a tentativa de emulação do consumo deste pelas classes inferiores.

Nos EUA, intensificação das atividades militares a partir da Guerra Civil estimulou a manufatura e o crescimento econômico – principalmente com a utilização do vapor e do ferro – e o desenvolvimento de inovações. Essa tendência é observada pelo número de patentes registradas, que atingiram 36 mil até 1860 e passaram a 440 mil em 1890. Após a guerra civil, a agricultura também passa por uma revolução tecnológica uma vez que o uso da terra passa a ser mais intensivo com a utilização de maquinário e técnicas de produção mais sofisticadas. Assim, além da cultura de subsistência, surgem as grandes plantações comerciais<sup>9</sup>. Entre 1860 e 1910, o número de fazendas em território norte americano triplica (de dois para seis milhões), enquanto a área cultivada quase dobrou. O progresso técnico na agricultura (assim como a expansão das terras cultivadas no oeste) possibilitou que esta produzisse o necessário para suprir o intenso crescimento demográfico por todo o território do país (U.S. Department of State, 2005a).

---

(9) Em 1862, com o *Land Grant College Act*, o governo dos EUA destina em cada unidade federativa sítios agrícolas nos quais funcionariam centros de pesquisa agropecuária e industrial. Estes recebiam fundos diretamente do Departamento Federal de Agricultura com o objetivo de financiar experimentos em novas tecnologias.

Segundo Craig (1989, p.262): “*The parochialism and regionalism characteristic of an agricultural society must give way to a habit of thinking in national and international terms*”. A partir desta mudança, a renda deve ser investida em atividades que estimulavam o crescimento econômico – como infraestrutura e educação – em detrimento de adornos para uma classe ociosa tradicional. E ainda, o nível de investimentos deve ser superior à taxa de crescimento populacional. Na Europa, estas mudanças institucionais ocorreram em diferentes momentos para cada nação. Como era de se esperar, a Grã-Bretanha foi a pioneira neste processo, tendo financiado com empréstimos e tecnologia a industrialização da Bélgica.

Ainda no entorno do fim século XIX, a Alemanha e a França despontam como novas potências industriais. Na Itália, a indústria manteve um ritmo de crescimento acelerado após a unificação porém este foi interrompido pela guerra tarifária com a França em fins da década de 1880 e pela incapacidade em obter os recursos necessários para manter a taxa de crescimento da economia. A atividade agrícola e as instituições sociais que o acompanham se mostraram mais enraizados na Itália, Espanha e Portugal, criando assim uma maior dificuldade para a expansão da indústria nestas regiões.

Não obstante a resistência à mudança institucional que acompanha o desenvolvimento da atividade agrícola, este setor passou por importantes transformações decorrentes de novas técnicas advindas da segunda revolução industrial. Barraclough (1976) menciona que entre algumas técnicas que modificaram profundamente o setor estão a utilização de adubo e técnicas de conservação de alimentos. Quanto à conservação, se destacam a pasteurização (com o destaque para o leite, em 1890), e esterilização, e a utilização de estanho nas latas de conserva (que proporcionou maior durabilidade da comida enlatada)<sup>10</sup>. O aumento da produção mediante a introdução destas novas técnicas foi essencial para suprir o elevado aumento demográfico do período.

Em 1880, o carvão representava a principal forma de combustível, e a energia hidroelétrica (em seu estágio rudimentar) ainda não tinha se disseminado para a indústria, estando concentrada na atividade agrícola. O motor de

---

(10) A produção de produtos vegetais enlatados passou de 400 mil itens anuais em 1870 para 55 milhões em 1914. Esse aumento foi de extrema importância para suprir as necessidades das guerras que se seguiram.

combustão interna, assim como a utilização do petróleo como fonte de energia, estava tecnicamente pronto para o consumo em massa. De fato, sua introdução no mercado marca o início da segunda revolução industrial. Na esteira deste salto tecnológico paradigmático, incluem-se: diversos tipos de turbinas e motores de combustão interna; o telefone; o gramofone; o telégrafo; a lâmpada incandescente; veículos automotivos; a cinematografia; e a indústria aeronáutica. O ritmo vertiginoso do progresso se mostrava ainda mais rápido nas telecomunicações e na capacidade de produção de mercadorias, principalmente na Europa e nos EUA. No período de 1875 a 1915 há um “encurtamento” das distâncias mediante as viagens ferroviárias transcontinentais e da introdução das comunicações de longa distância, tornada possível principalmente pelo telégrafo que tinha um custo bem inferior ao telefone à época (Salles, 2013).

Em suma, a segunda revolução industrial representou um novo paradigma científico e tecnológico aplicado à indústria. Vincentini e Pereira (2010) apontam que estas são facilmente notadas especialmente nos seguintes setores: eletricidade (fontes e capacidade de geração de energia); química (novas matérias-primas sintéticas); motores à combustão (tornando o petróleo central no crescimento econômico<sup>11</sup>); metalurgia (aço, níquel, alumínio); indústria bélica (armas de repetição, submarino e torpedo); agricultura (fertilizantes, máquinas agrícolas); telecomunicações (telégrafo, telefones, cabos submarinos); transportes intercontinentais (transiberiana, transeuropeias, transandina); e canais interoceânicos (Suez e Panamá).

Barraclough (1975) enumera outras inovações de fundamental importância na evolução das técnicas e conhecimentos na medicina, higiene e nutrição (com a ampliação da utilização do clorofórmio), dos antissépticos e técnicas assépticas. Data deste período (pós 1870) a grande era da bacteriologia, com o surgimento dos trabalhos inovadores de Louis Pasteur e Robert Koch, assim como o surgimento da microbiologia e da bioquímica. Através dos avanços nestas novas ciências foi possível a descoberta do primeiro antibiótico (penicilina) em 1928.

Hobsbawn (1989) afirma que com a renovação industrial advinda das inovações, algumas indústrias de base se deslocam para as colônias, mesmo sobre forte pressão contrária dos países centrais. Alguns exemplos são: infraestrutura

---

(11) No período, os EUA e a Rússia eram os maiores produtores de petróleo.

(estradas de ferro e portos); indústria extrativa (minerais); agricultura (subsistência e agroexportadora); indústrias têxteis e de alimentos processados.

À época, existia um modelo dos determinantes institucionais necessários para que um país se tornasse um Estado-nação liberal desenvolvido. Hobsbawn (1989, p. 22) esclarece este aspecto da seguinte forma:

*It should form a more or less homogeneous territorial state, internationally sovereign, large enough to provide the basis of national economic development, enjoying a single set of political and legal institutions of a broadly liberal and representative kind (i.e. it should enjoy a single constitution and the rule of law), but also, at a lower level, it should have a fair degree of local autonomy and initiative. It should be composed of 'citizens', i.e. of the aggregate of the individual inhabitants of its territory who enjoyed certain basic legal and political rights, rather than, say, of corporations or other kinds of groups and communities. Their relations with the national government should be direct and not mediated by such groups. And so on.*

A importância da indústria, do progresso técnico e do homem de negócios é discutida no livro *The Theory of Business Enterprise*, de 1904. Neste, Veblen descreve o entrelaçamento entre os setores industriais e afirma que não há setor intensivo em capital que seja totalmente independente dos demais. Nesta época, a indústria como um todo já havia abandonado suas características manufatureiras e baseava-se principalmente em indústrias intensivas em capital<sup>12</sup>. Veblen (1904) descreve a tendência à padronização oriunda da indústria, e como esta afeta as demais instituições sociais. Segundo ele, a padronização afeta a formação das preferências, facilitando a aceitação em massa de bens para consumo em diferentes culturas.

Este ponto de vista é complementar à TCO uma vez que nesta obra a diferenciação dos produtos é um dos mecanismos mais importantes para a formação de preferências. A diferenciação do produto encontrada em Veblen compreende produtos capazes de satisfazer a necessidade de concorrência entre consumidores através de demonstração pecuniária. A este fenômeno de

---

(12) Posteriormente, no artigo *On the Nature of Capital* de 1908, o autor discute o papel primordial da tecnologia e do conhecimento na evolução da propriedade privada.

ostentação de riqueza, ele chamou de consumo conspícuo. E ao fato do agente procurar imitar o padrão de consumo das classes superiores, ele chamou de emulação. As definições de consumo conspícuo e emulação pecuniária implicam na pressuposição de uma diferenciação do produto. A este respeito, Veblen (1899, p. 35), escreveu: “Esse consumo especializado de bens, entretanto, já num momento da evolução econômica, [...] se tinha constituído num sistema mais ou menos elaborado, como força pecuniária. O início da diferenciação no consumo é mesmo anterior a qualquer força pecuniária”.

Nesta perspectiva, as firmas produzem bens diferenciados de modo a suprir esta demanda. Veblen aborda a diferenciação do produto a partir do comportamento emulativo do consumidor, ou seja, seu desejo de receber honra e de distinção das classes inferiores. Isto nada mais é do que uma evidência da importância para o autor da diferenciação do consumo. O consumo conspícuo e as demais formas de emulação podem ser entendidos como uma forma de concorrência entre consumidores cujo objetivo final é maior demonstração de riqueza possível.

### **3 A crise de deflação da Europa e dos EUA no final do século XIX**

O crescimento econômico no período posterior à industrialização na Europa não alcançou os resultados esperados. A falta de experiência e o excesso de entusiasmo dos empresários, bem como a ausência de regulação estatal, levaram ao surgimento de bolhas e crises financeiras e comerciais durante o período. Craig (1989) enumera alguns exemplos típicos desta fase como a queda acentuada no valor das ações da firma *English Railroad* em 1860 (que teve repercussões importantes na Bolsa de Valores de Londres), e a crise na construção civil alemã em 1873.

Durante o período entre 1870 e 1890, estas crises repercutiram no arrefecimento progressivo nas taxas de crescimento do comércio internacional. Não obstante, Hobsbawm (1989) afirma que a produção de ferro passou de 11 milhões em 1870 para 23 milhões de toneladas em 1890; enquanto a produção de aço, considerada como um importante indicador da industrialização, subiu de meio milhão para 11 milhões de toneladas. Além do significativo crescimento das potências recém-industrializadas (EUA e Alemanha), e do intenso ritmo de crescimento da produção industrial na Inglaterra – centro financeiro e comercial

mundial – outros países como Suécia e Rússia também haviam se industrializado neste período.

O caso particular da Alemanha é discutido extensivamente por Veblen no livro *Imperial Germany and the Industrial Revolution*, de 1915. Neste, o autor faz uma análise histórica da transformação das instituições (leis, costumes, mudanças tecnológicas) que permitiram a escalada econômica deste país. Ele examina o aumento vertiginoso da força industrial alemã, e assevera que o estabelecimento e a evolução destas instituições permitiram um crescimento que ultrapassasse a primazia econômica britânica.

Em suma, pode-se perceber que este período foi marcado por importantes transformações tecnológicas e institucionais que resultaram em um rápido crescimento da produção mundial. Assim, a depressão do final do século de XIX foi provocada por um aumento significativo da produção industrial principalmente nos principais países da Europa e nos EUA, e, como consequência, pela queda nos preços das mercadorias (inclusive agrícolas), nas taxas de juros e de lucros nestas nações<sup>13</sup>. Hobsbawm (1989) apresenta que na Inglaterra, o nível geral dos preços caiu 40% entre 1873 e 1896 e o preço do ferro decresceu 50% entre 1871 e 1875 e novamente entre 1894 e 1898. O setor mais afetado pela deflação foi a agricultura, e por consequência, foi neste setor que houve grande parte dos problemas sociais. A agricultura havia sofrido uma forte expansão nas décadas anteriores a 1870, fato que aumentou fortemente o número de produtos agrícolas em circulação. A crise de superprodução agrária preocupava as nações ao redor do globo, pois mesmo em países industrializados (exceto a Inglaterra) a produção agrícola ainda ocupava de 40 a 50% da mão de obra masculina. Uma sublevação deste contingente representava riscos políticos graves<sup>14</sup>.

Neste final de século, o rápido crescimento da agricultura nos EUA e o uso crescente de tecnologias agrícolas e de transporte foram os principais fatores que contribuíram para a crise agrária europeia. De acordo com Craig (1989), a expansão da malha ferroviária (que cresce 300 pontos percentuais entre 1860 e

---

(13) Veblen discute o conceito econômico de “superprodução” no artigo *The Overproduction Fallacy*, de 1892.

(14) Alguns dos fenômenos sociais atribuídos à crise agrária são: Revolta dos Famintos na Rússia (1891-1892); aumento do populismo nos Estados Unidos (movimento iniciado em Nebraska e Kansas, grandes produtores de trigo); e revoltas camponesas na Irlanda, Espanha, Sicília e Romênia

1880) permitiu uma redução dos fretes e um aumento na velocidade de escoamento intracontinental da produção de grãos. A introdução de novas tecnologias de propulsão marinha permitiu que essa produção chegasse de maneira rápida e barata aos mercados europeus. Da mesma forma, ocorre um salto tecnológico nos sistemas de refrigeração, permitindo o escoamento da atividade pecuária para mercados intercontinentais.

Além deste forte incremento da produção agrícola norte-americana – principalmente nas terras recém-anexadas do Oeste – outros países como Argentina, Austrália e Canadá entraram no comércio internacional de *commodities* agrícolas. Nos EUA, a péssima situação dos agricultores contava com um fator além dos baixos preços do mercado internacional uma vez que estes estavam sujeitos a sobretarifa da logística ferroviária monopolista do país (U.S. Department of State, 2005a).

Em *The Theory of Business Enterprise* Veblen discute este processo histórico caracterizado por transformações abruptas em um grupo de países, intercalado por crises, períodos de prosperidade e depressão, de inflação, e de deflação. Segundo ele (1904, p. 93): “during the last twenty years of the nineteenth century, periods of exaltation have, on the whole, grown less pronounced and less frequent, whereas periods of depression or ‘hard times’ have grown more frequent and prolonged, if not more pronounced”. O autor demonstra que as flutuações entre períodos de alta e baixa da atividade econômica estão interligados. Grande parte das perturbações surgem na esfera financeira, e atingem secundariamente a esfera produtiva devido à necessidade de financiamento da segunda pela primeira.

#### **4 Outras respostas à crise de deflação: concentração e racionalização da produção**

Em função da crise deflacionista discutida anteriormente, surgiram outros dois fenômenos que modificaram radicalmente o modo de produção industrial nos EUA. O primeiro é relativo ao aumento da concentração industrial que viria a culminar na primeira lei antitruste da história, a *Sherman Anti-Trust Act*, promulgada nos EUA em 1890. Porém, de início esta foi majoritariamente utilizada contra a formação de sindicatos uma vez que estes foram considerados como um truste de trabalhadores, por isso, sujeitos às regulações previstas na lei.

Segundo Chang (2002), a legislação começa a ser utilizada de maneira persistente contra os grandes conglomerados com a fundação do *Bureau of Corporations* em 1905, e passa por uma modernização em 1914 com o *Clayton Antitrust Act*. A oligopolização se observa de maneira mais significativa nas grandes indústrias pesadas, tais quais as de carvão, armamentos e petróleo, assim como bens de consumo em massa como tabaco e sabão. Essa tendência teve início no período de depressão no fim do século XIX, porém continuou após sua superação.

Este processo de oligopolização ocorre quando indústrias e bancos expandem suas atividades a níveis nacional e internacional e nesta expansão surgem iniciativas para conluio entre concorrentes. Este visava diminuir os custos de produção, a manutenção dos preços em níveis artificialmente mais elevados, e a divisão do mercado. Esta relação entre firmas gigantes tomou contornos diferenciados ao redor do mundo. Nos EUA e Inglaterra, a prática mais comum era a absorção de competidores menores através de compra acionária e a formação de trustes no qual as firmas combinavam as quantidades de produção e o preço de venda (por exemplo, Craig (1989) menciona a *Standart Oil*, nos EUA, e a *Tobacco Company*, na Grã-Bretanha). Na Alemanha, a forma mais popular de concentração era o Cartel, no qual todas as empresas de determinado ramo regulavam conjuntamente a compra de insumos, áreas de exploração, técnicas de vendas e preços. Muitas vezes cartéis de diferentes países se reuniam de modo a manter conformidade entre suas políticas de preços e de vendas. Acerca da concentração do setor bancário na Inglaterra, Craig (1989, p. 268) afirma:

*Of special interest in this connection was the tendency of banking concerns to combine. In England the last years of the century saw a steady decline in the total number of banking concerns. There had been 600 banking houses in England in 1824. By 1914 there were only fifty-five, and this shrinkage was to continue into the postwar period, so that there were only eleven banking houses in 1937, and five sixths of the country's banking business was handled by the 'Big Five': the Midland Bank, the Westminster Bank, Barclay's, Lloyd's, and the National Provincial.*

A justificativa de existência das corporações e trustes (combinações de corporações) nos EUA estava relacionada à tentativa de evitar crises de superprodução, implicando em enormes custos sociais proveniente da

diminuição da concorrência<sup>15</sup>. Essas organizações possuíam um maior poder de barganha com os sindicatos e empresas de logística (frete ferroviários e navais), e capital necessário para competir em mercados internacionais. Com relação à tecnologia, os trustes contribuíam para um melhor desempenho das empresas que o constituíam mediante o acesso destas às patentes de todas as demais firmas ali presentes. As grandes corporações norte-americanas passam a ser controladas por grupos de investidores financeiros que eram atraídos pela possibilidade de antecipação dos lucros e pequena responsabilidade em caso de falências. Nas primeiras décadas do século XX, os trustes foram substituídos pela forma de organização denominada *holding*, as quais representam agregações de diversos setores numa mesma corporação (U.S. Department of State, 2005b).

Segundo Craig (1989, p. 264), o padrão de concentração do período envolvia a participação do Estado:

*As industrial capitalism extended its domain in the years after 1871, it began, in certain respects, to change its character. The rugged individualism and the unalloyed competitive spirit that marked the entrepreneurs of the early stages of capitalism disappeared; and their successors relied increasingly on government aid and on forms of combination intended to reduce the rigors and inconveniences of competition.*

Além do crescente protecionismo, os estados nacionais contribuíram de outras formas para a manutenção e expansão da indústria local, muitas vezes incentivando a concentração industrial. A lei alemã *General Company Law* de 1870 facilitou o crescimento das grandes corporações. Elas saltam de 2.100 no início da década de 1880 para 5.400 em 1912.

Por outro lado, o Estado foi responsável por diversas tentativas de limitar a tendência de concentração industrial. O presidente americano Stephen Grover Cleveland assinou em 1887 o *Interstate Cleveland Act* que objetivava o reduzir o excesso de tarifas no comércio interestadual (principalmente no que tange a logística via estradas de ferro). A crescente antipatia contra o poderio econômico e político dos trustes e das grandes corporações pressiona o governo a aprovar o

---

(15) Destaca-se como exemplos de setores dominados por grandes corporações norte americanas em fins do século XIX e início do século XX: Petróleo, algodão, açúcar, tabaco, borracha, telecomunicações, transporte e aço.

*Sherman Antitrust Act*. Aprovado em 1890, este proibiu as restrições ao comércio interestadual em qualquer ramo de atividade e previu diversas maneiras de *enforcement* baseadas em fortes penalidades. Esta lei só foi aplicada amplamente no governo Roosevelt (1933-45).

O *Clayton Antitrust Act* de 1914 foi outro avanço na regulação antitruste norte-americana. Autorizava a *Federal Trade Commission* a sancionar ordens contra métodos de competição desiguais, além de regular e investigar abusos corporativos. Entre as práticas proibidas pelo ato estão: a formação de diretorias conjugadas, discriminação de preços entre consumidores, utilização de restrições legais em disputas com trabalhadores, e a posse de ações ordinárias de empresas de semelhante atividade (U.S. Department of State, 2005a).

Além de implementar estes incentivos e regulações, aumentou também a participação direta do Estado na economia. O crescimento econômico à época exigia um padrão de infraestrutura (malha ferroviária e rodoviária, construção de canais) cujo capital privado muitas vezes não era capaz de desenvolver devido à falta de interesse em investimentos de longo prazo. Craig (1989) mostra que a participação do governo federal foi essencial em pelo menos dois países. Nos EUA, na construção das estradas de ferro intercontinentais, e na França com a utilização de títulos da dívida pública para investimentos na malha rodoviária no governo de Napoleão III.

Veblen (1921) examina a concentração industrial na esteira da discussão que ele elabora acerca de sua caracterização das fases da evolução da indústria. Conforme discutido anteriormente, para o autor houve uma primeira fase pautada pela presença dos capitães da indústria, que assumiram diversas tarefas relativas à produção. Esta foi seguida de uma segunda fase, na qual há uma separação dos papéis de gerentes e proprietários. Assim, na primeira, observa-se que a estrutura de mercado compreende uma estrutura atomizada de diversas empresas guiadas pela livre iniciativa. Posteriormente, com a saturação dos mercados devido à superprodução, o autor afirma que a livre iniciativa passa a não ser mais um bom parâmetro para definir o nível de produtos lançados ao mercado. Nesta fase, as exigências de mercado passam a ser a combinação entre produtores e a restrição de produção.

O segundo fenômeno que modificou a estrutura produtiva das economias industriais foi o desenvolvimento de técnicas voltadas para a otimização da produção dentro da estrutura fabril. Fundadas por F. W. Taylor, essas técnicas foram denominadas *Scientific Management*, e objetivavam organizar e desenvolver o setor metalúrgico americano (Taylorismo). Nos anos 1920, estas técnicas foram absorvidas pela indústria europeia. Segundo Hobsbawn (1989, p. 45) essa técnica se baseia em três métodos:

*This aim was pursued by three major methods: (i) by isolating each worker from the work group, and transferring the control of the work process from him, her or the group to the agents of management, who told the worker exactly what to do and how much output to achieve in the light of (2) a systematic breakdown of each process into timed component elements ('time and motion study'), and (3) various systems of wage payment which would give the worker an incentive to produce more.*

Neste período, a empresa se afasta da concepção antiga da manufatura administrada por seu único proprietário para se aproximar da figura moderna das grandes corporações, administradas por executivos contratados por acionistas. Nota-se uma modificação tanto da governança da firma quanto no processo de produção. Este movimento é analisado por Veblen (1904, p. 13) conforme demonstra o trecho a seguir:

*With a fuller development of the modern close knit and comprehensive industrial system, the point of chief attention for the business man has shifted from the old-fashioned surveillance and regulation of a given industrial process, with which his livelihood was once bound up, to an alert redistribution of investments from less to more gainful ventures, and to a strategic control of the conjunctures of business through shrewd investments and coalitions with other business men.*

O autor afirma que durante as duas décadas finais do século XIX houve um número grande de fusões de indústrias. Em alguns casos, estas beneficiaram a sociedade em geral devido aos ganhos de escala alcançados. Porém, o interesse em fusões muitas vezes está na obtenção de lucros pecuniários, em detrimento da eficiência. Esta contradição de interesses gera, por um lado, fusões de pouco retorno produtivo e social. Ademais, dificulta outras fusões que trariam benefícios sociais não obstante serem tecnológica e institucionalmente possíveis.

## 5 Demografia e mão de obra

A concentração do setor industrial foi contemporânea a uma tendência parecida no mercado de trabalho. Da mesma maneira, os operários se reuniram em grandes sindicatos que aumentaram progressivamente sua capacidade política de negociação com as grandes firmas e com o Estado. De acordo com Craig (1989) a criação da organização sindical data do início do século XIX na Inglaterra, França e Bélgica, porém foi a partir do fim deste mesmo século que os sindicatos passaram a desempenhar um forte papel político na defesa dos interesses da classe operária. Estas organizações tornam-se mais atuantes com o fim das restrições jurídicas sobre sua criação e operação. Assim passam de agregações pacíficas de uma minoria educada, voltada a prestar assistência em caso de acidentes de trabalho e desemprego, para entidades de ampla participação operária, capazes de suspender a produção de suas respectivas indústrias.

Em sua segunda fase, a revolução industrial foi acompanhada de uma intensificação do movimento operário em função das terríveis condições em que a classe estava submetida. Os trabalhadores passam a organizar-se não somente em sindicatos, mas também em partidos políticos. Vincentini e Pereira (2010) apontam que em 1864 aconteceu a I Internacional (encontro da Associação Internacional dos Trabalhadores) com o objetivo de unificar o movimento operário mundial; e em 1871 o movimento da Comuna de Paris toma a capital francesa e institui o primeiro governo operário da história. Em 1889, organizou-se a II Internacional (realizado pela mesma associação) que se caracterizou pelo forte antagonismo entre socialismo e anarquismo, com a expulsão deste último. No final do século XIX, estes movimentos migraram rumo às colônias européias, com exceção dos EUA onde os sindicatos possuíam outra orientação filosófica.

A crise deflacionária gera duas novas tendências quanto à força de trabalho. A primeira é a emigração, que tomou contornos significativos na Espanha, Itália, Áustria, Hungria, Rússia, e região dos Bálcãs<sup>16</sup>. A segunda é cooperação através da criação de cooperativas (instituição proveniente deste período) e crédito cooperativo (Hobsbawn, 1989).

---

(16) Neste período, países como o Brasil ofereciam diversos incentivos à imigração. Há que se notar que neste fim de século XIX, Argentina e Brasil recebiam aproximadamente 200 mil imigrantes por ano.

As novas técnicas industriais exigiam, concomitantemente, empresas de larga escala e concentração urbana da mão de obra. Nesta conjuntura se observa uma redução significativa das empresas familiares. Estas passam a não conseguir financiamento necessário para sua expansão, nem lidar com o maquinário cuja operação necessitava de um grande número de operários. Barraclough (1974) aponta que só na Alemanha, entre 1880 e 1914 o número de pequenas empresas (até cinco funcionários) caiu pela metade, enquanto as firmas com 50 funcionários ou mais, duplicou. Neste cenário do fim de século XIX, a urbanização aconteceu de forma bastante acelerada, gerando uma grande concentração de trabalhadores nas cidades que supriu completamente a demanda de mão-de-obra da indústria, gerando até uma elevação na taxa de desemprego. As metrópoles cresciam rapidamente e incorporavam as vilas em seu entorno, e absorviam todo o contingente que fugia da crise que ocorria no meio rural, decorrente da importação barata de alimentos. As cidades com 100 mil habitantes aumentaram vertiginosamente, e diversas metrópoles atingiram a marca de um milhão de habitantes, tais como: Nova Iorque, Chicago, Filadélfia, Berlim, Viena, São Petersburgo, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Tóquio, Calcutá e Osaka.

Quanto aos níveis de escolaridade, em 1880 o mundo desenvolvido apresentava altos índices de alfabetização entre homens e um nível crescente entre mulheres. Em nações subdesenvolvidas, o número de analfabetos continuava bem significativo, mesmo entre as classes abastadas. No período, a eliminação dos povos nativos (índios, aborígenes e tribos africanas) já havia se consolidado e tomava contornos de genocídio em diversos países (EUA, Brasil e Austrália). O emprego de mão-de-obra escrava se encontrava quase erradicado, com a exceção de Cuba e Brasil que declararam fim da escravidão em 1886 e 1888, respectivamente (Azevedo, 2003; Blackburn, 2002).

Para Veblen, o fim da mão-de-obra escrava tem forte implicação sobre os hábitos de pensamento da sociedade. A reorganização social pós regime escravista tende a prevalecer os instintos e hábitos voltados ao trabalho industrial eficaz. Este ponto é abordado na TCO (1899, p. 45) da seguinte forma:

Enquanto o trabalho continua sendo executado exclusivamente, ou usualmente, por escravos, a degradação de todo o esforço produtivo está por demais constante e inibidoramente presente na ideia dos homens para permitir ao instinto ao artesanato um efeito mais sério no setor da

utilidade industrial; mas, quando a fase quase pacífica (com escravidão e status) passa para a fase pacífica (com trabalho assalariado e pagamento em dinheiro), o instinto começa a operar com mais eficácia.

Por sua vez, em relação ao trabalho assalariado, no período de crise deflacionária nota-se um constante aumento dos salários reais. Estes, assim como os custos rígidos de capital, não acompanharam a redução geral dos preços. Posteriormente, após a segunda metade da década de 1890, o crescimento salarial que caracterizou o período da grande depressão cessa, havendo queda dos salários reais na Inglaterra e França, entre 1899 e 1913. Hobsbawn (1989) afirma que este fato contribuiu para as agitações populares às vésperas da primeira guerra mundial<sup>17</sup>.

No livro *The Vested Interests and the Common Man* (1919), Veblen apresenta sua teoria sobre as mutações institucionais na relação empregador-empregado advindas com a revolução industrial. O autor afirma que as condições de trabalho e salários eram barganhadas de maneira pessoal entre trabalhadores e proprietários, primordialmente nas guildas de trabalho e posteriormente nas fábricas embrionárias. Esta relação desaparece com o aparecimento das instituições de grandes corporações de capital aberto extremamente mecanizadas. Com isto, o poder de barganha dos trabalhadores decresce mediante o aumento da distância entre empregados e proprietários. Nesta discussão Veblen desenvolve o importante conceito de *Absentee Ownership of Anonymous Corporate Capital*.

Veblen (1904) examina as instituições que permeiam as concepções do operariado de modo a discutir a aceitação dos hábitos de pensamento socialistas nas diferentes classes em diferentes momentos da história. Para o autor, o apelo e ganho de importância do marxismo no final do século XIX estava diretamente ligado aos hábitos trazidos pela industrialização e urbanização. Este fato pode ser observado na ampla disseminação destas ideias nos centros urbanos e intelectuais, em detrimento das regiões rurais.

## 6 Consumismo

O fenômeno denominado consumismo iniciou-se no século XVII na Europa devido ao aumento de riqueza e do número de produtos advindos das colônias. Ou seja, este remonta a épocas em que foram introduzidas às especiarias

---

(17) Veblen (1904, p. 32) discute brevemente a relação entre salários e produção

como café, tabaco e sedas nos mercados europeus. Consequentemente este hábito migra para os EUA (ainda colonial) onde se generaliza no final do século XIX. Neste período, o número de mercadorias diferenciadas se multiplica exponencialmente, assim como sua demanda. Este hábito disseminou-se globalmente com o progressivo aumento de influência norte americana, cuja influência cultural (propaganda oficial, música, cinema e literatura) atinge grande parte dos países do mundo.

A cultura de consumo em massa exerce uma grande pressão sobre a produção industrial. O fordismo, método de produção intensivo em divisão do trabalho, componentes padronizados, e organização produtiva, foi capaz de reduzir consideravelmente os custos industriais e aumentar sua produtividade. Este sistema surge na indústria automobilística e logo se dissemina para as demais linhas de produção. Segundo Smart (2010), a produção e o consumo em massa são duas faces da mesma moeda, ou seja, se houver uma retração em uma destas pontas, a economia mergulha em um período de crise.

O consumismo anterior à revolução industrial restringia-se a um pequeno segmento social, composto pela elite agrária e aristocrática. O advento da industrialização e da urbanização promoveu uma brutal elevação do trabalho assalariado. Simultaneamente, surge um fluxo constante de oferta, assim como um contingente de demanda por um número cada vez maior de mercadorias diversas. Este último intensificou-se com a melhora financeira das condições operárias, que passavam a demandar quantidades maiores de bens diferenciados. A absorção dos hábitos de pensamento que compõe uma sociedade industrial não foi instantânea. Segundo Goodwin *et al* (2008), durante esta fase incipiente da industrialização, os operários ingleses tinham o hábito de trabalhar somente o necessário para cobrir os gastos da semana. Os trabalhadores valorizavam mais tempo de lazer em detrimento de maiores salários. A adaptação, muitas vezes traumática (diminuição salarial, trabalho forçado), aconteceu de modo que os operários passaram a se ver como primordialmente como consumidores.

Uma das principais contribuições de Veblen à ciência econômica é a discussão acerca da formação das instituições relativas ao consumo da classe ociosa. Estas instituições se disseminam nas classes inferiores que passam emular os padrões de consumo das classes superiores. Veblen descreve o fenômeno do

consumismo a partir da contaminação das preferências de consumo dos bens de luxo de cima para baixo (classes superiores influenciam as preferências das demais classes). Há, porém, uma diferença entre o fenômeno do consumismo geral para o consumismo da classe ociosa, o primeiro se realiza em produtos industriais padronizados enquanto o segundo se realiza através da obtenção de bens diferenciados e de alto preço.

Portanto, o conceito de consumismo divide-se entre consumo em massa, que englobam os primeiros produtos, e consumo perdulário, relativo aos segundos, ambos estão relacionados ao consumo conspícuo exposto por Veblen. Segundo o autor, os artigos artesanais são apreciados devido a sua exclusividade e dispendiosidade de tempo e esforço, enquanto as mercadorias industriais, produzidas a baixos custos, são rejeitadas pelas classes superiores. Desta forma as mercadorias produzidas em massa não possuem a capacidade de demonstração pecuniária para a classe ociosa, pois podem ser amplamente consumidas pelos agentes pertencentes aos segmentos inferiores de renda.

### **Considerações finais**

Este artigo teve por objetivo principal apresentar uma interpretação do contexto histórico no qual o fundador da Escola Institucionalista Original desenvolveu seu trabalho sobre a natureza e a importância das instituições. A análise acima procurou apresentar como este contexto influenciou a obra de Veblen. A pesquisa confirma que Veblen foi fortemente influenciado pelas instituições vigentes no final do século XIX. Em última análise, sua obra é coerente com sua proposta epistemológica de que toda ciência deve ser estudada a luz dos fenômenos históricos na qual foi produzida.

Por este motivo, a discussão acima focalizou as mudanças históricas subjacentes a diversas instituições que eram o alvo da análise Vebleniana. Nota-se uma importante mudança no eixo central do sistema capitalista na virada do século XIX para o século XX. Ou seja, de uma estrutura atomística e concorrencial para um sistema de caráter majoritariamente concentrado em grandes corporações, em nível doméstico e internacional. A própria prática do protecionismo conjuntamente com a busca imperialista por novos mercados a fim de desafogar a gigantesca produção industrial do período, foram responsáveis pela escalada de hostilidades

entre os países europeus que veio a culminar na primeira guerra mundial em 1914. Com a proximidade da guerra, há uma retroalimentação da necessidade de intervenção estatal pois os governos eram forçados a controlarem setores estratégicos, como indústria de base, de combustível e de telecomunicações.

Neste período as organizações econômicas dos países desenvolvidos apresentam um grau de desenvolvimento intermediário, porém muito inferior ao que hoje é cobrado dos países subdesenvolvidos como necessário ao desenvolvimento econômico e social (Chang, 2002). Muitas instituições relacionadas ao consumo ainda vigentes hoje tem sua origem no final do século XIX, e Veblen tem uma importante contribuição no estudo destas e de como o agente toma a decisão num ambiente econômico.

A *Classe Ociosa*, cuja análise representa uma das principais contribuições Veblenianas à Ciência Econômica, representa um segmento social já arcaico à época da publicação da TCO, em 1899. Veblen deixa claro que as modificações institucionais contemporâneas aos seus escritos se posicionavam contrárias à existência desta classe. A crescente importância do homem de negócios (Veblen, 1904), o fim da escravidão e a revolução industrial (Veblen, 1899) alteraram profundamente os hábitos de pensamento, mesmo nas classes superiores. Estes hábitos passam a valorizar as atividades industriais produtivas, em detrimento da demonstração pecuniária.

Conforme exposto ao longo do artigo, a teoria institucionalista Vebleniana foi influenciada pelas instituições de sua época. Prova disto é que o autor desenvolve princípios essenciais à análise de temas dos mais diversos, como por exemplo: revolução tecnológica, oligopolização, crises industriais, crises financeiras, imperialismo germânico, crescimento industrial germânico, padronização, fim da mão de obra escrava, e consumismo. As implicações de suas concepções trazem à tona elementos teóricos importantes para o exame destes temas no capitalismo contemporâneo.

### **Referências bibliográficas**

AZEVEDO, Celia Maria M. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à história contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial 1776-1848*. São Paulo: Record, 2002.

CAVALIERI, Marco A. *O surgimento do institucionalismo Norte-Americano: um ensaio sobre o pensamento e o tempo de Thorstein Veblen*. Tese (Doutorado)–UFMG/Cedeplar, Belo Horizonte, 2009.

CAVALIERI, Marco A. O surgimento do institucionalismo norte-americano de Thorstein Veblen: economia política, tempo e lugar. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 43-76, abr. 2013

CHANG, Ha-Joon. *Kicking away the ladder: development strategy in historical perspective*. London: Anthem Press, 2002.

CONCEIÇÃO, O. A. C. O Conceito de instituição nas modernas abordagens institucionalistas. *Revista Economia Contemporânea*, v. 6. n. 2, p. 119-146, 2002.

CRAIG, Gordon A. *Europe, 1815-1914*. Florida: Harcourt Brace Jovanovich Publishers, 1989.

DEQUECH, David. The demarcation between the “Old” and the “New” institutional economics: recent complications. *Journal of Economic Issues*, v. XXXVI, n. 2, p. 565-72, 2002.

EICHENGREEN, Barry. *Globalizing capital: a history of the International Monetary System*. New Jersey: Princeton University Press, 2008.

GALLAROTTI, Giulio. M. *The anatomy of an international monetary regime: the classical gold standard 1880-1914*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

GOODWIN, Neva; NELSON, Julie A; ACKERMAN, Frank; WEISSKOPF, Thomas. Consumption and the consumer society. In: GOODWIN, Neva; NELSON, Julie. A; ACKERMAN, Frank; WEISSKOPF, Thomas. *Microeconomics on context*. Sharp: Medford, 2008.

HOBBSAWN Eric. J. *The age of empire, 1875-1914*. New York: Pantheon Books, 1989.

HOBSON, John A. *A evolução do capitalismo moderno: um estudo da produção mecanizada*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HODGSON, Geoffrey M. The approach of institutional economics. *Journal of Economic Literature*, v. 36, n. 1, 1998.

LEE, Lawrence B. *Kansas and the Homestead Act, 1862-1905*. New York: Arno Press, 1979.

LINHARES, Maria. Y. Em face do imperialismo e do colonialismo. In: SILVA, F. C. T. da. *Impérios na história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

MARTINS, Carlos. E. *A tecnocracia na história*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MAYHEW, Anne. The beginnings of institutionalism. *Journal of Economic Issues*, v. 21, n. 3, Sept. 1987.

MUNHOZ, Sidney. J. A construção do Império Estadunidense. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Impérios na história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. Bureau of International Information Programs. Outline of U.S. History. *Growth and transformation*. Washington, 2005a. Disponível em: <http://usinfo.state.gov/>.

\_\_\_\_\_. Bureau of International Information Programs. Outline of U.S. History. *The civil war and reconstruction*. Washington, 2005b. Disponível em: <http://usinfo.state.gov/>.

RUTHERFORD, Malcolm. The old and the new institutionalism: can bridges be built? *Journal of Economic Issues*, v. XXIX, n. 2, p. 443-451, 1995.

RUTHERFORD, Malcolm. Institutional economics: then and now. *Journal of Economic Perspectives*, v. 15, n. 3, p. 173-194, 2001.

SAMUELS, Warren. The present state of institutional economics. *Cambridge Journal of Economics*, v. 19, p. 569-590, 1995.

SALLES, Alexandre O. T. Institutional framework of the classical gold standard: examining the first historical wave of financial globalization. *História Econômica & História de Empresas*, v. 16, n. 1, p. 101-134, 2013.

SILVA, Vagner Luís da. Perspectivas teóricas no Institucionalismo clássico. *Revista de Ciências Humanas*, v. 12, n. 1, p. 145-164, jan./jun. 2012.

SMART, Barry. Consuming: historical and conceptual issues. In: SMART, B. *Consumer society: critical issues and environmental consequences*. London: Sage Publications, 2010.

VEBLEN, Thorstein B. The overproduction fallacy. *Quarterly Journal of Economics*, v. 6, n. 4, Jul. 1892.

\_\_\_\_\_. Why is economics not an evolutionary science? *The Quarterly Journal of Economics*, Jul. 1898a.

\_\_\_\_\_. The instinct of workmanship and the irksomeness of labor. *American Journal of Sociology*, v. 4, n. 2, 1898b.

\_\_\_\_\_ (1899). *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *The theory of the business enterprise*. New Jersey: Transaction Books, 1904.

\_\_\_\_\_. On the nature of capital. *Quarterly Journal of Economics*, v. 22, n. 4, 1908.

\_\_\_\_\_. *The instinct of workmanship and the state of the industrial arts*. New York: The MacMillan Co, 1914.

\_\_\_\_\_ (1915). *Imperial Germany and the industrial revolution*. Kitchener: Batoche Books, 2003.

\_\_\_\_\_. *The place of science in modern civilization and other essays*. New York: B. W. Huebsch, 1919.

\_\_\_\_\_ (1919). *The Vested interests and the common man*. London: FB & c Ltd., 2014.

\_\_\_\_\_ (1921). *The engineers and the price system*. Ontario: Batoche Books, 2001.

VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D. *História Mundial Contemporânea (1776-1991): da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética*. Brasília: FUNAG, 2010.